

MERCOSUL, O PERIGO ESTÁ CHEGANDO

José Sarney

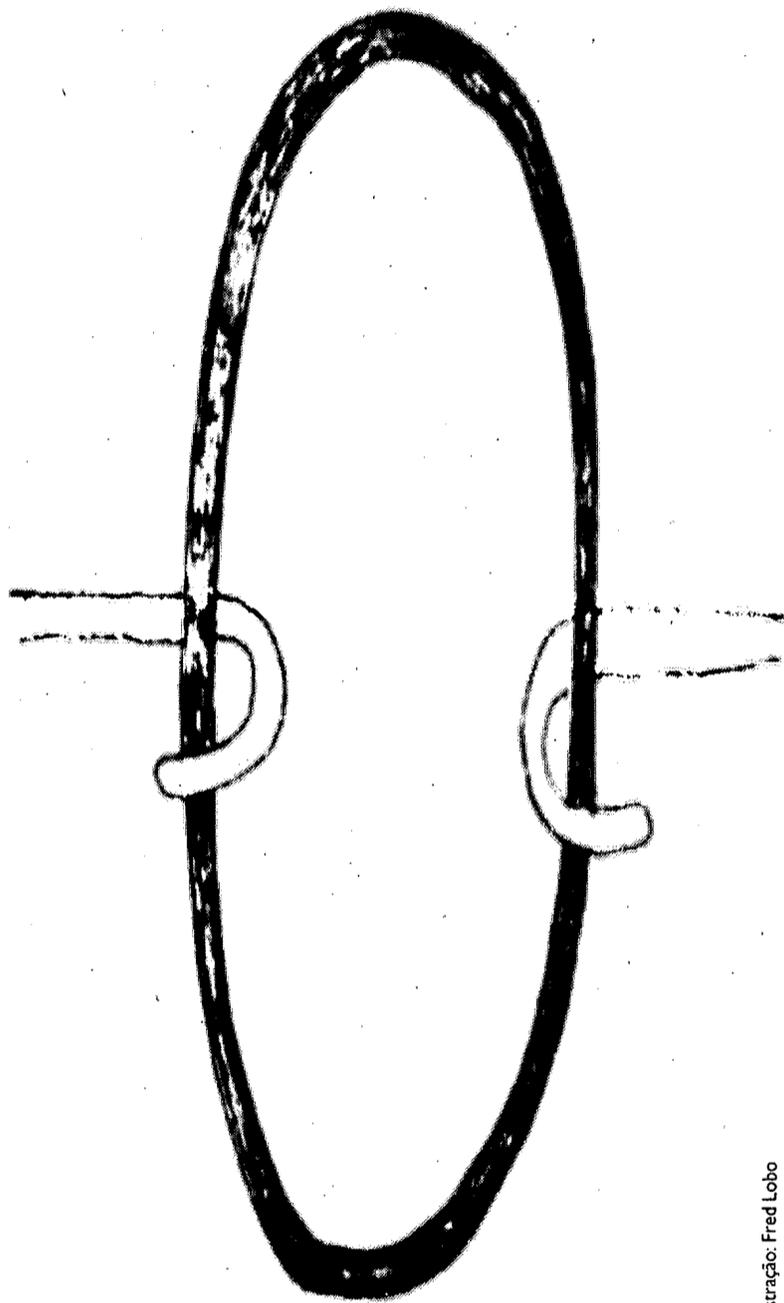


Ilustração: Fred Lobo

O Mercosul é uma boa realidade. Os resultados alcançados são extraordinários. As pequenas restrições que temos são aquelas que dizem respeito à necessidade de corrigir seus rumos para que se volte mais para seus objetivos iniciais, Mercado Comum, do que para Área de Livre Comércio, onde os horizontes se esgotam somente no setor comercial. Há necessidade de acertamos políticas macroeconômicas do bloco, de modo a não ocorrerem atritos ou incompreensões como essas da medida provisória sobre importação, que surtiu um efeito além do necessário na Argentina, o que, de certo modo, deteriora relações que levamos tanto tempo para construir, abandonando um passado de suspeições e de competição militar que não levava a nada, senão a uma situação de divisão do Continente, o que era bom para os nossos colonizadores, cuja política foi sempre a de dividir-nos, ora abanando um, ora o outro.

Os Estados Unidos da América nunca viram com bons olhos este movimento do Cone Sul para criar um espaço econômico autônomo, reduzindo sua influência aqui e buscando mecanismo de não-dependência. Assisti ao nascimento do Mercosul, fui um dos protagonistas dessa estratégia e fiquei muitas vezes surpreso com essas reações. Elas diminuíram na certeza de que o projeto não ia dar certo. À proporção que vai se consolidando, as reações começam a voltar mais sérias, mais visíveis e mais enérgicas.

Tomo logo a vacina de que nada tenho contra os Estados Unidos. Sou um grande admirador desse fantástico país, capaz de ser singular na história da humanidade, que conheceu muitos impérios, nenhum como ele. É que sendo, pela primeira vez no mundo, uma potência hegemônica, política, cultural, militar e econômica, usa o seu poder para sustentar os ideais dos direitos humanos, da liberdade, da democracia liberal. Não é um império expansionista, ditatorial, dominador. Mas, por outro lado, não há nenhum mais radical na defesa dos seus interesses econômicos. No meu governo, acabei com a retórica Estados Unidos *bicho papão*. Relações modernas, sem xenofobias.

Com esta ressalva, posso afirmar que o Mercosul foi visto ali como uma pedra no sapato. Agora, eles não escondem mais aquilo que outrora era sutil. Veja-se o relatório do Banco Mundial dizendo que nós não acreditamos na política de mercado e que estávamos sendo um entrave à abertura do Continente. Depois, o secretário da Indústria e Comércio, na reunião de Singapura, foi mais direto

e atacou precisamente o Brasil, dizendo que nós não tínhamos o direito de parar para respirar. Tínhamos de correr sem fôlego, até a exaustão, mesmo que ela importasse no perigo de botarmos por água a baixo tudo que conquistamos em matéria de estabilidade.

Nessa linha de pressão, a secretária de Estado americana, Madeleine Albright, na sua inquirição pelo Congresso, para aprovação de sua indicação, disse com todas as letras. "O Mercosul é nocivo (sic) nos interesses dos Estados Unidos". E acrescentou: "Um dos objetivos maiores do nosso governo é o de assegurar os interesses econômicos dos Estados Unidos onde quer que eles estejam presentes, em todo o planeta." Não são outras, também, as afirmações da extraterritorialidade da legislação americana, tendo como carro-chefe a Lei de Comércio.

Para o ano de 2004 está prevista a Zona de Livre Comércio das Américas. Até lá, os Estados Unidos têm de ter uma presença de

controle mais efetivo no Mercosul, que até pouco tempo era uma reserva de mercado. Por isso, é necessário pressionar para uma abertura total e imediata de toda a economia que, frágil, com problemas sociais e altas taxas de desemprego, inexoravelmente será dominada por forças exógenas. E o momento é este. Se nos consolidamos, podemos ter vida própria.

Como o Brasil é maior e as coisas aqui não são tão fáceis, as aberturas selvagens encontraram racionais resistências, face a uma estrutura política e social poderosa e à formação do presidente Fernando Henrique, autor da teoria da dependência e bem conhecedor das coisas.

Acredito que vamos entrar numa área de turbulência e pressões ao Mercosul. As investidas citadas já são indícios, mas há algo mais. Estamos ameaçados de investidas mais sérias para dividir-nos. Estas vão desde o aliciamento dos nossos parceiros, para participar do Nafta, sem o Brasil, até convites

para figurar no Bloco Militar da Otan. Esta última manobra é cruel.

O que isso significa? O Chile acaba de mover-se para compra de armamentos estratégicos, aviões de última geração que afetam o equilíbrio militar da área. À Argentina é oferecido ser "aliado preferencial, não participante da Otan". Isto significa o fornecimento de equipamento militar, treinamento, acesso a tecnologias bélicas de ponta. O Brasil, assim, fica isolado, e não podemos ser ingênuos, nem algum governo permitiria que nosso país venha a ficar sucateado. Ora, aqui, na América do Sul, temos o continente mais pacífico da face da Terra, não temos nenhuma hipótese de guerra, as Forças Armadas estão submetidas ao poder civil, participando e consolidando as instituições democráticas. Por que deflagrar uma corrida armamentista, uma pressão por novos gastos militares, quando todo o nosso esforço deve estar concentrado na estruturação do Mercosul, na amizade entre nossos países, no combate ao desemprego, na solução dos graves problemas de renda e da questão social?

Ninguém entende que sejam tão fortes os interesses econômicos para se utilizar essa via com o objetivo de desestruturar o Mercosul, criando competições.

Em Buenos Aires, o economista Dornbush fez uma conferência, em meio às repercussões do cancelamento de financiamento pelo Brasil das importações. O que ele disse? Que a Argentina está um mar de rosas, que dentro de dez anos será um grande e poderoso país, mas há um perigo. Qual é esse perigo, ameaçador da Argentina? O Brasil!

É outra via nestas coincidências de ataques e tentativas de criar suspeitas e controvérsias, desconfianças e divisões.

O perigo que espreita o Mercosul, o seu grande sucesso — pois é a coisa mais importante que fizemos depois de nossas independências — é a divisão e a volta às rivalidades que levamos séculos para superar. O perigo para a Argentina e para o Brasil são eles, inconformados com uma área econômica e política com força própria, capaz de afirmar-se e competir com o Nafta, com a União Européia, com os Tigres Asiáticos.

Até lá, vamos estar preparados para o nosso Pearl Harbour. O ataque está sendo preparado. Vamos estar alertas. Lembremos, mais uma vez, o nosso Camões: "Nunca louvarei o Capitão que diga: "Não cuidei".

O jogo está começando e não será uma *pelada*.

■ José Sarney, ex-presidente da República, é senador pelo PMDB do Amapá